**Os Substitutos (Surrogates)**

O filme retrata um aspecto futurista da humanidade no qual a população mundial “resolveu” o problema da segurança pública através da fabricação de humanoides robotizados que fazem as tarefas corriqueiras do dia a dia, enquanto o real individuo permanece na sua casa controlando esse ser como se fosse a si próprio. Em um certo momento, um desses robôs foi assassinado e um agente do FBI foi investigar sobre o ocorrido, sendo que não só o robô como a pessoa real que o controlava morreu também dentro da própria residência. Mesmo que de forma um pouco singela, o filme levanta muito a questão da comunicação corpo e intelecto, ou seja, até que ponto a mente humana pode se aproveitar da imersão do meio virtual para enfatizar a ausência da própria existência social. É um longa com uma trama de ação, um pouco de romantismo e especialmente ficção científica. A maneira como a trama revela cada cena me chama atenção pelo fato do controle dos robôs com aparência e comportamentos “melhorados” do ser real, sendo escolha sua viver quem ou o que você quiser ser, o que entra diretamente no furo do filme em relação a proposta de vida segura dessas máquinas, pois o controle do substituto se torna frágil por não necessariamente poder ser controlado pelo indivíduo correspondente, podendo abrir mão para um clandestino ou indivíduo do gênero. Outro ponto interessante de destacar é a morte súbita da raça humano ao usar esse aparato tecnológico, pois acaba evitando sua própria existência e impedindo a própria procriação de seres realmente de carne e osso, como se isso nos considera-se como um parasita que impede o planeta de se manter. Mas é claro que nessa história não poderia faltar a minoria, daqueles que preferem uma vida a moda antiga, sem essa loucura de transmitir a própria consciência pra um Max Steel ou uma Barbie versão *high tech*, aí que entra o papel dos protagonistas, um casal de agentes do FBI que se cansaram de tal conduta e literalmente são os únicos em todo o planeta que não censuraram a si mesmos. Recordações de história da arte enfatizam bem essa pegada pós-moderna do filme quando se entrou em discussão a estética ao longo dos movimentos realistas na era greco-romana, enquanto naquela época as esculturas demonstravam a forma humana com um físico totalmente trincado e bem definido, a cultura desse longa tenta enfatizar uma sociedade totalmente modelada e cada vez mais próxima a imagem em Photoshop, ou seja, uma aproximação quase que inerente entre a encenação virtual e a realidade, uma querendo imitar o outro chegando ao ponto em que não é possível se distinguir ambos. É fato que nada desse tipo de experiência pode ser totalmente confirmada a curto prazo, pois não se sabe ate que ponto a humanidade levará fora das telas cinematográficas, tamanha ironia de deixar a inteligência artificial anular a nossa própria existência, mas fica nas entrelinhas esse respaldo hollywoodiano do ego(que eu realmente sou) sobre o superego (como eu gostaria ou deveria ser).